

DF LAGO

Paranoá quer ser uma cidade e não favela

JORNAL DE BRASÍLIA

Os 35 mil habitantes da Vila Paranoá iniciam o ano com a perspectiva de ver um antigo sonho realizado: o de fixação e de transformação da favela, de mais de quatro mil barracos, em uma cidade-satélite. E que agora a população está diretamente envolvida nas mudanças, através de uma prefeitura comunitária, criada oficialmente há 15 dias, com o objetivo de solucionar os inúmeros problemas da vila. Ontem, às 17 horas, centenas de pessoas foram à Praça do Roxo, convocadas pela prefeitura, que apresentou o seu estatuto registrando os primeiros trabalhos já realizados.

Com sede provisória na rua Pernambucano, a prefeitura comunitária é composta de 15 membros distribuídos em diretorias e secretarias — as mesmas que compõem uma administração municipal —, que representam lideranças religiosas, comerciantes e demais moradores da vila. O prefeito é o auditor e funcionário do Banco do Brasil, Gilson Araújo, que há sete anos é comerciante na vila, onde morou até alguns anos. Ele faz questão de frisar o caráter apartidário da prefeitura e o respaldo que a população vem dando ao projeto. "Eles nos procuravam sempre, pedindo apoio e a ideia da prefeitura surgiu em julho, mas devido ao momento político, resolvemos adiar a sua oficialização".

Ele conta que o trabalho de base vem sendo feito há dez meses "nos bastidores", em reuniões onde já compareceram até duas mil pessoas. Ontem, ele esperava contar com mais de quatro mil na Praça do Roxo, onde algumas horas antes da reunião convocava as pessoas através de um carro

de som. Todos os entrevistados confirmavam que iriam à praça, e se mostravam decididos a participar da prefeitura comunitária, tida para muitos como a "última esperança" para a solução de seus problemas que vão desde a falta de água encanada à precariedade do policiamento.

- 2 JAN
Soluções

Como primeira medida, a prefeitura conseguiu da Secretaria de Segurança pública, uma viatura para policiamento permanente da vila, além de mais quatro policiais para as feiras aos sábados e domingos. Esse serviço terá um custo para a comunidade, revela Gilson, a princípio como os demais, dividido em cotas entre os membros da prefeitura e comerciantes. Depois, a exemplo das associações, a entidade será mantida pela população. O prefeito informa, também, que na última semana contatos importantes foram feitos: o primeiro com a Caesb, que já tem quatro alternativas para solucionar o gravíssimo problema da falta de água na vila. Ele preferiu não apontar quais. — "o nosso objetivo é mostrar apenas os resultados" — mas adiantou que uma medida provisória será aplicada nos próximos dias, enquanto a solução permanente não for executada. Ele conta que foram recebidos, também, pelo chefe de Gabinete do GDF, Guy de Almeida, que durante mais de duas horas, ouviu um relato detalhado dos problemas de Vila Paranoá. Dali sairam com a promessa de que os problemas de agora em diante serão tratados de uma forma global, e com total participação da comunidade.

Ailton C. Freitas



Sônia espera que em 87 a favela do Paranoá seja transformada